



Coleção de Literatura
Brasileira

NA FLORESTA DO ALHEAMENTO

SEI QUE DESPERTEI e que ainda durmo. O meu corpo
antigo,
moído de eu viver, diz-me que é muito cedo ainda. . .
Sinto-me febril de longe. Peso-me não sei por quê. . .

Num torpor lúcido, pesadamente incorpóreo, estagno,
entre um sono e a vigília, num sonho que é uma sombra de
sonhar. Minha atenção bóia entre dois mundos e vê
cegamente a profundidade de um mar e a profundidade de um
céu; e estas profundezas interpenetram-me, misturam-se, e
eu não sei onde estou nem o que sonho.

Um vento de sombras sopra cinzas de propósitos mortos
sobre
o que eu sou de desperto. Cai de um firmamento
desconhecido um orvalho morno de tédio. Uma grande
angústia inerte manuseia-me a alma por dentro, c incerta,
altera-me como a brisa aos perfis das copas.

Na alcova mórbida e morna a antemanhã de lá fora é
apenas um hálito de penumbra. Sou todo confusão quieta. .
. Para que há de um dia raiar?. . . Custa-me o saber que ele
raiará, como se fosse um esforço meu que houvesse de o
fazer aparecer.

Com uma lentidão confusa acalmo. Entorpeço-me. Bóio no
ar, entre velar e dormir, e uma outra espécie de realidade
surge,
e eu em meio dela, não sei de que onde que não é esse. . .

Surge mas não apaga esta, esta alcova tépida, essa de
uma floresta estranha. Coexistem na minha atenção
algemada as duas realidades, como dois fumos que se
misturam.

Que nítida de outra e de ela essa trêmula paisagem
transparente! . . .

E quem é esta mulher que comigo veste de observada
essa floresta alheia? Para que é que tenho um momento de
mo perguntar? ... Eu nem sei querê-lo saber. . .

A alcova vaga é um vidro escuro através do qual,
consciente dele, vejo essa paisagem. . . e essa paisagem
conheço-a há muito,

e há muito que com essa mulher que desconheço erro, outra realidade, através da irrealidade dela. Sinto em mim séculos de conhecer aquelas árvores, e aquelas flores e aquelas vias em desvios e aquele ser meu que ali vagueia, antigo e ostensivo ao meu olhar, que o saber que estou nesta alcova veste de penumbras de ver. . .

De vez em quando pela floresta onde de longe me vejo e sinto, um vento lento varre um fumo, e esse fumo é a visão nítida e escura da alcova em que sou atual destes vagos móveis e reposteiros e do seu torpor de noturna. Depois esse vento passa e torna a ser toda só-ela a paisagem daquele outro mundo. . .

Outras vezes este quarto estreito é apenas uma cinza de bruma, no horizonte d'essa terra diversa... E há momentos em que o chão que ali pisamos é esta alcova visível...

Sonho e perco-me, duplo de ser eu e essa mulher. . . Um grande cansaço é um fogo negro que me consome. . . Uma grande ânsia passiva é a vida que me estreita. . .

Ó felicidade baça... O eterno estar no bifurcar dos caminhos! ... Eu sonho e por detrás da minha atenção sonha comigo alguém. . . E talvez eu não seja senão um sonho desse Alguém que não existe. . .

Lá fora a antemanhã tão longínqua! a floresta tão aqui ante outros olhos meus!

E eu, que longe desta paisagem quase a esqueço, é ao tê-la que tenho saudades d'ela. e é ao percorrê-la que a choro e a ela aspiro. . .

As árvores! as flores! o esconder-se copado dos caminhos! . . .

Passeávamos às vezes, de braço dado, sob os cedros e as olaias, nenhum de nós pensava em viver. A nossa carne era-nos um perfume vago e a nossa vida um eco de som de fonte. Dávamo-nos as mãos e os nossos olhos perguntavam-se o que seria o ser sensual e o querer realizar em carne a ilusão do amor. . .

No nosso jardim havia flores de todas as belezas. . . rosas de contornos enrolados, lírios de um branco amarelecendo-se, papoulas que seriam ocultas se o seu rubro lhes não espreitasse presença, violetas pouco na margem tufada dos canteiros miosótis mínimos, camélias estéreis de perfume. . . E, pasmados por cima de ervas altas, olhos, os girassóis isolados fitavam-nos

grande-mente.

Nós roçávamos a alma toda vista pelo frescor visível dos musgos e tínhamos, ao passar pelas palmeiras, a intuição esguia de outras terras. . . E subia-nos o choro à lembrança, porque nem aqui, ao sermos felizes o éramos. .

Carvalhos cheios de séculos nodosos faziam tropeçar os nossos pés nos tentáculos mortos das suas raízes. . .

Plátanos esta-cavam... E ao longe, entre árvore e árvore de perto, pendiam no silêncio das latadas os cachos negrejantes de uvas. . .

O nosso sonho de viver ia adiante de nós, alado, e nós tínhamos para ele um sorriso igual e alheio, combinado nas almas sem nos olharmos, sem sabermos um do outro mais do que a presença apoiada de um braço contra a atenção entregue do outro braço que o sentia.

A nossa vida não tinha dentro. Éramos fora e outros. Des-conhecíamos-nos. como se houvésemos aparecido à nossas almas depois de uma viagem através de sonhos. . .

Tínhamo-nos esquecido do tempo, e o espaço imenso empequenara-se-nos na atenção. Fora daquelas árvores próximas, daquelas latadas afastadas, daqueles montes últimos no horizonte haveria alguma cousa de real, de merecedor do olhar aberto que se dá às cousas que existem? . . .

Na clepsidra da nossa imperfeição gotas regulares de sonho marcavam horas irreais. . . Nada vale a pena, ó meu amor longínquo, senão o saber como é suave saber que nada vale a pena. . .

O movimento parado das árvores; o sossego inquieto das fontes; o hálito indefinido do ritmo íntimo das seivas; o entardecer lento das coisas, que parece vir-lhes de dentro e dar mãos de concordância espiritual ao entristecer longínquo, e próximo à alma do alto silêncio do céu; o cair das folhas, compassado e inútil, pingos de alheamento, em que a paisagem se nos torna toda para os ouvidos e se entristece em nós como uma pátria recordada — tudo isto, como um cinto a desatar-se, cingia-nos, incertamente.

Ali vivemos um tempo que não sabia decorrer, um espaço para que não havia pensar em poder-se medi-lo. Um decorrer fora do tempo, uma extensão que desconhecia os hábitos da realidade no espaço. . . Que horas, ó

companheira inútil do meu tédio, que horas de desassossego feliz se fingiram ali. . . Horas de cinza de espírito, dias de saudade espacial, séculos interiores de paisagem externa. . . E nós não nos perguntávamos para que era aquilo que não era para nada.

Nós sabíamos ali. por uma intuição que por certo não tínhamos. que este dolorido mundo onde seríamos dois, se existia, era para além da linha externa onde as montanhas são hábitos de formas, e para além dessa não havia nada. E era por causa da contradição de saber isto que a nossa hora de ali era escura como uma caverna em terra de supersticiosos, e o nosso senti-la era estranho como um perfil de cidade mourisca contra um céu de crepúsculo outonal.

Orlas de marés desconhecidas tocavam, no horizonte de ouvir-mos, praias que nunca poderíamos ver, e era-nos a felicidade escutar, até vê-lo em nós, esse mar onde sem dúvida singravam caravelas com outros fins em percorrê-lo que não os fins úteis e comandados da Terra.

Reparávamos de repente, como quem repara que vive, que o ar estava cheio de cantos de ave, e que, como perfumes antigos em cetins, o marulho esfregado das folhas estava mais entranha-do em nós de que a consciência de o ouvirmos.

E assim o murmúrio das aves, o sussurro dos arvoredos e o fundo monótono esquecido do mar eterno punham à nossa vida abandonada uma auréola de não a conhecermos. Dormimos ali acordados dias, contentes de não ser nada, de não ter desejos nem esperanças, de nos termos esquecido da cor dos amores e do sabor dos ódios. Julgávamo-nos imortais. . .

Ali vivemos horas cheias de um outro sentirmo-las, horas de uma imperfeição vazia e tão perfeitas por isso, tão diagonais à certeza retângula da vida. . . Horas imperiais depostas, horas vestidas de púrpura gasta, horas caídas nesse mundo de outro mundo mais cheio de orgulho de ter mais dismanteladas angústias . . .

E doía-nos gozar aquilo, doía-nos. . . Porque apesar do que tinha de exílio calmo, toda essa paisagem nos sabia a sermos deste mundo, toda ela era úmida de um vago tédio, triste e enorme e perverso como a decadência de um império ignoto.. .